

respectivos hospedeiros originais, a partir dos quais foram purificados através do método de clarificação com *n*-butanol e precipitação de vírus com polietilenoglicol. Após examinadas ao espectrofotômetro, as preparações purificadas foram usadas na imunização de coelhos pela técnica de inoculação da pata trazeira (Phytopathology, 69:1252-1258). Testes de reciprocidade em dupla difusão em agar com os anti-soros obtidos para as quatro raças de CpSMV indicaram estreito relacionamento entre as mesmas e diferenças sorológicas, através de esporões, entre as raças: CpSMV-CB x CpSMV-VS; CpSMV-CB x CpSMV-VS x CpSMV-ML; CpSMV-VS x CpSMV-CE e CpSMV-ML x CpSMV-CE. Por outro lado, as raças CpSMV-CB e CpSMV-CE mostraram-se sorologicamente idênticas.

025. REAÇÃO INDUZIDA EM VARIEDADES DE FEIJOEIRO PELOS VÍRUS DO MOSAICO COMUM DA SOJA E DO FEIJOEIRO. A. Bianchini¹ e A. S. Costa² (¹IAPAR, Londrina, PR., ²Seção de Virologia, IAC. Campinas, SP.) **Reactions induced on bean varieties by the soybean common mosaic and bean common mosaic viruses.**

Com o objetivo de caracterizar os sintomas induzidos em feijoeiro pelos vírus do mosaico comum da soja (VMCS) e do feijoeiro (VMCF) foram inoculadas 20 variedades com 5 isolados do primeiro vírus e 3 do segundo, todos procedentes de lavouras do Estado do Paraná. As inoculações foram feitas em condições de casa de vegetação e fora desta, mecanicamente e por pulgão (*Myzus persicae* Sulz).

Conforme as reações, as variedades foram agrupadas em: 1) suscetíveis ao VMCS e VMCF, reagindo com mosaico (Jalinho, Mãezinho, olho de Pomba, Paulista, Pinto Nacional, Rosinha e Roxinho); 2) suscetíveis ao VMCF, reagindo com mosaico e clorose, e resistentes ao VMCS, com lesões locais cloróticas somente (Carnaval, Goiano Precoce e Jalo); 3) resistentes hipersensíveis aos dois vírus, reagindo frequentemente com necrose sistêmica (Aeté 1/38, Aroana, Bolinha Preto, Chumbinho, Coco Blanchi, Graxa, Moro, Painão, Rio Tibagi e Viangrinho).

Independente do método de inoculação, o VMCS induziu mosaico sempre mais severo que o VMCF, com folhas menores e embolhamento forte tipo colherinha ocorrendo com alguns isolados, até morte apical ou da planta inteira. Entre todos isolados houve variação na severidade dos sintomas induzidos, tanto de mosaico como de necrose sistêmica. Isto mostra a ocorrência de estirpes dentro dos dois complexos nas regiões de onde foram obtidos. Considerando isso e o fato que diferenças de sintomas foram apenas a nível de severidade, conclui-se que para uma diferenciação conclusiva entre os dois vírus necessitam-se de testes adicionais com inoculações em hospedeiros diferenciais.

AINFO

026. VÍRUS DO GRUPO VIRA-CABEÇA DO TOMATEIRO ISOLADO DE CEBOLA (*ALLIUM CEPA* L.). A. C. Ávila¹, E. W. Kitajima², Maria I. C. S. Gama², F. J. R. Reifschneider (¹UEPAE/Brasília, C. Postal 11-1316, 70.000 Brasília D.F., ²Depto. Biol. Veg., UnB, 70.910 Brasília, D.F.). **A strain of tomato spotted wilt virus isolated from onion.**

Amostras de cebola (*Allium cepa* L.) "Pera Baía" provenientes do Município de Rio Grande, RS, com sintomas de lesões elípticas com centro clorótico e bordos necróticos deprimidos, quando examinadas ao microscópio eletrônico em preparações "leaf dip", mostraram a presença de partículas virais do tipo Vira-cabeça do tomateiro. Através de teste de inoculação mecânica em que se utilizaram 27 espécies, pode-se transmitir o vírus para algumas delas. Tal isolado

induzia, de maneira geral, sintoma de lesão local necrótica concêntrica, sem, contudo, ser capaz de infectar sistemicamente nenhuma das plantas testadas, inclusive, tomate e pimentão. O ponto termal de inativação desse vírus ficou entre 45 – 50°C; o ponto final de diluição foi menor do que 10^{-3} e a longevidade, à temperatura ambiente, menor que 2 horas. Dentre as hospedeiras de reação local, *Datura stramonium* L. foi a melhor para ensaios de infectividade, apresentando maior número de lesões locais quando as plantas foram mantidas a uma temperatura em torno de 25°C. Estudos estão sendo levados no sentido de melhor caracterizar esse isolado.

027. **VÍRUS EM CLONE DE ALHO SEM SINTOMAS E LIBERTO DO “GARLIC YELLOW STRIPE VIRUS”** M. G. Carvalho¹, R. J. Shepherd² e D. H. Hall², (¹Universidade Federal de Viçosa, 36.570 – Viçosa, MG. ²Univ. da Califórnia, Davis 95616. **Latent virus in garlic yellow stripe virus-free clone of “Californi early” garlic.**

Um potyvirus, “garlic yellow stripe virus” (GYSV), fora eliminado de alguns clones do cv. “California Early” do alho (*Allium sativum* L.) através de cultura de meristema apical. Esses clones, entre os quais VF-2, não apresentam quaisquer alteração morfológica sugerindo infecção por vírus. Contudo, em ensaios de imunoadsorção com enzima (“ELISA”) ou com radioisótopo (^{125}I) (“RISA”), os extratos foliares obtidos de VF-2 reagiram de duas maneiras distintas diante dos anticorpos produzidos contra GYSV. Num caso, os extratos reagiram sempre com intensidade inferior ou igual às verificadas nas testemunhas comprovadamente sem vírus, enquanto no outro, os extratos de outras plantas do clone proporcionaram reações fracas porém consistentemente positivas naqueles ensaios. Mais tarde foi verificado ser possível purificar um vírus latente das plantas desse segundo grupo, e não das plantas do primeiro, através do procedimento de purificação adotado para o GYSV. Essas observações foram interpretadas significando que antisoros obtidos com GYSV também continham anticorpos ao vírus latente. À vista dos resultados de análises eletroforéticas em gel de policrilamida, na presença de SDS, conclui-se ainda que diferem entre si, em peso molecular, as subunidades proteicas do GYSV e do vírus latente. A prevalecer o que sugere o comprimento das partículas medidas, cerca de 675nm, o vírus latente é um carlavírus.

028. **ENTUMESCIMENTO DOS RAMOS DA VIDEIRA (*VITIS* spp), DOENÇA CAUSADA POR VÍRUS IDENTIFICADO NO RIO GRANDE DO SUL.** Gilmar Barcelos Kuhn. (EMBRAPA/UEPAE de Bento Gonçalves, Caixa Postal 130, 95.700 – Bento Gonçalves, RS). **Swelling of grapevine stems, a virus disease identified in the Rio Grande do Sul state.**

Em 1978, no município de Bento Gonçalves, constatou-se a ocorrência de plantas de cv. Isabel (*Vitis labrusca* L.) apresentando sintomas semelhantes aos de uma moléstia causada por vírus “corky bark”. Os principais sintomas observados foram o engrossamento dos entrenós dos ramos do ano com fendilhamento da casca e do lenho, amadurecimento irregular dos ramos, pequenas reentrâncias longitudinais do tronco sob a casca, além de fraco desenvolvimento da planta, baixa produtividade e maturação incompleta da uva.

Em observações realizadas sob casa de vegetação, na EMBRAPA/UEPAE de Bento Gonçalves, verificou-se que os sintomas se reproduziram ao se fazer a multiplicação vegetativa de 3